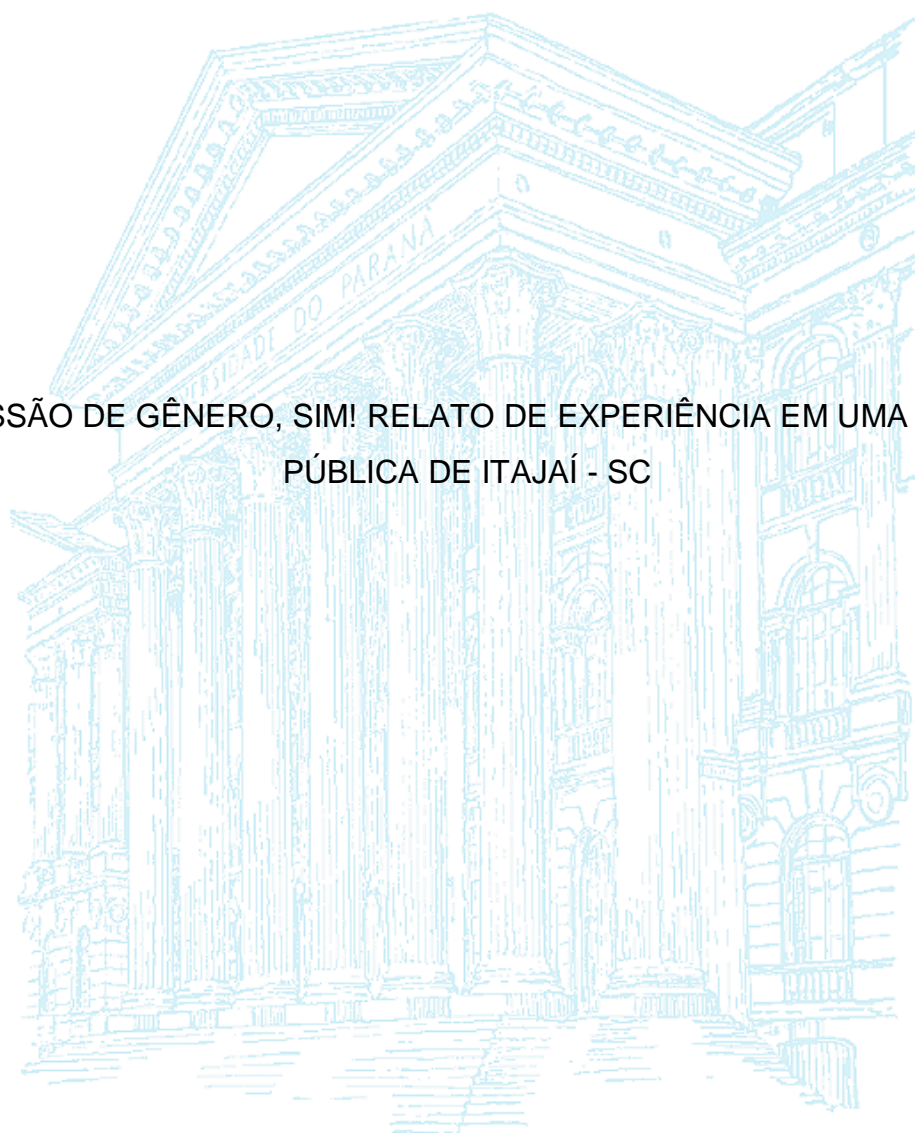


UNIVERSIDADE FEDERAL DO PARANÁ

ONICE SANSONOWICZ

DISCUSSÃO DE GÊNERO, SIM! RELATO DE EXPERIÊNCIA EM UMA ESCOLA  
PÚBLICA DE ITAJAÍ - SC



ITAJAÍ, SC

2016

ONICE SANSONOWICZ

DISCUSSÃO DE GÊNERO, SIM! RELATO DE EXPERIÊNCIA EM UMA ESCOLA  
PÚBLICA DE ITAJAÍ - SC

Trabalho de Conclusão do Curso de Pós-Graduação em nível de Especialização em Gênero e Diversidade na Escola, do Setor Litoral da Universidade Federal do Paraná, apresentado como requisito parcial à obtenção do título de Especialista em Gênero e Diversidade na Escola.

Orientador: Prof. Nádia T. Covolan

ITAJAÍ, SC  
2016

# DISCUSSÃO DE GÊNERO, SIM! RELATO DE EXPERIÊNCIA EM UMA ESCOLA PÚBLICA DE ITAJAÍ - SC

Onice Sansonowicz<sup>1</sup>  
Nadia T. Covolan<sup>2</sup>

## RESUMO

Através de uma colaboração do Programa de Iniciação à Docência da Universidade do Vale do Itajaí (UNIVALI) com a Escola de Ensino Médio Professor Henrique da Silva Fontes em Itajaí-SC, foi desenvolvida uma intervenção na disciplina de História do Ensino Médio, identificando a influência do discurso heteronormativo em diferentes campos sociais: científico e da saúde, religioso e filosófico. Dez turmas, totalizando aproximadamente duzentos e dez estudantes, entre dezesseis e dezoito anos participaram da proposta, supervisionados por três estudantes de pedagogia e por uma professora de história. Para a construção da atividade, foram realizadas quatro etapas: (1) seminários orientados com recursos audiovisuais, identificando elementos da heteronormatividade em situações cotidianas; (2) oficinas sobre produção social das assimetrias de gênero, violência e condições desiguais, criando ferramentas de análise do discurso junto aos estudantes; (3) construção de 48 painéis para sensibilização pública utilizados em (4) exposições itinerantes em outras escolas da rede pública e em órgãos públicos. A construção da experiência, das análises, dos painéis e das exposições possibilitaram uma compreensão abrangente sobre as influências da heteronormatividade e a igualdade de gênero nos diferentes meios sociais, atingindo as relações cotidianas. A abordagem do projeto também produziu debates importantes para a formação dos estudantes do ensino médio e dos supervisores envolvidos, reforçando uma relação de conhecimento horizontalizada, com os estudantes e supervisores como protagonistas do processo de ensino/aprendizagem e dos ambientes sociais.

**PALAVRAS CHAVE:** Pibid, Educação, Gênero, Violência, Homofobia

## ABSTRACT

In collaboration, the Institutional Scholarship Program for Beginning Teachers of Itajai Valley University (UNIVALI) and the Professor Henrique da Silva Fontes High School in Itajai-SC performed an intervention on the History course, aiming to identify the influence of heteronormative discourse in diverse social fields: health care, scientific, religious and philosophical fields. Ten classrooms, totaling about two hundred and ten students between sixteen and eighteen years old were engaged in the project, under advice of three Pedagogy students and of the teacher of History course. Implementing the activity, they conducted four steps: (1) seminars using audio visual resources for the identification of heteronormativity in daily occasions; (2) all together workshops on social production of gender asymmetry, violence and social inequality; (3) accomplishment of 48 banners for public awareness used in (4) expositions for public awareness in other public schools and public buildings. The construction of the experience, social analysis, banners and expositions enabled a

---

<sup>1</sup> Especialista em História Social no Ensino pela Universidade do Estado de SC (2006). Professora da rede pública Estadual de Santa Catarina e Rede Municipal de Ensino de Itajaí – SC.  
onicesan@yahoo.com.br

<sup>2</sup> Doutora em Ciências Humanas (UFSC) Docente UFPR Litoral. nadiathe@gmail.com

better and larger comprehension about the influences of the heteronormativity and gender equality on distinct social environments, reaching the daily relationships. The approach used for the project also created several important discussions for the humane formation of the students and supervisors, conducting them as protagonists of the teaching-learning process and social construction.

## **INTRODUÇÃO**

A abordagem das Relações de Gênero na Educação Básica, sempre foi e sempre será de fundamental importância. Em tempos de discussão sobre a retirada da palavra Gênero dos Planos Nacionais e Municipais de Educação, diante da avalanche de ataques desferidos especialmente por setores conservadores das casas legislativas e da sociedade, torna-se mister que essa questão seja encampada pelos(as) educadores(as), e que estes e estas se comprometam ainda mais com esse estudo; bem como a desmistificação de ideias equivocadas com a divulgação daquilo que realmente são os estudos de gênero: propostas teóricas e reflexões que visam compreender os seres humanos em sua pluralidade e, principalmente, combater violências como a misoginia, o sexismo, a homofobia, e todas as outras formas de exclusão.

Muito antes dessa celeuma ser estabelecida, a educadora Guacira Lopes Louro já nos alertava sobre a pressão que a escola sempre sofreu enquanto espaço de domínio de setores que a partir de um padrão de normalidade que consideram correto, marginalizam aqueles que não se enquadram: “As políticas curriculares são, então alvo da atenção [de setores conservadores] na tentativa de regular e orientar crianças e jovens dentro dos padrões que considerem moralmente.” (LOURO, 1997, p.130).

Essas posturas partem, por exemplo, de compreensões que o esclarecimento científico poderia suscitar estímulo a sexualidade tida como desviante para os setores conservadores; e, por conseguinte, a destituição da unidade familiar ‘tradicional’ única aceita por essa concepção. Observamos que essa postura é segregacionista e excludente; uma vez que desconsidera outros arranjos familiares vividos na cotidianidade, existentes na sociedade, e visíveis no espaço escolar.

A educadora sexual Jimena Furlani, diante dessas discussões lançou uma cartilha, onde deixa claro, dentre outras coisas, a função dos estudos de gênero e as

razões pelas quais essas discussões devem ser mantidas na educação básica. Para a autora:

Os Estudos de Gênero são propostas teóricas e reflexões que buscam combater a violência contra a mulher e as crianças, defendem o respeito às diferenças, à diversidade e entendem que a sociedade é plural e a Escola deve discutir a exclusão e as formas muitas de preconceito. (FURLANI, 2015, 9p)

Tanto Furlani quanto Louro estão em consonância com os Parâmetros Curriculares Nacionais (PCNs), que recomendam que essas temáticas transversalizem toda a ação educativa, para que seja contemplada a diversidade na sua pluralidade. (PCNs,2000. p. 111). Além delas, Tomaz Tadeu da Silva também fala da necessidade de esforços para rever esse currículo que se construiu historicamente extremamente masculino e sexista e alerta: “Qualquer esforço de tornar o currículo e a escola menos falocêntricos tem de começar por uma revolução feminista nos currículos e nas pedagogias das próprias instituições de formação”. (SILVA, 1995, p .142)

Se por um lado, setores conservadores defendem o silenciamento dessas abordagens, por outro, estudiosos da área e movimentos sociais se empenham no sentido de garantir que a escola seja o espaço do conhecimento científico em primeiro lugar; e do acolhimento da diversidade, da pluralidade. O programa *Gênero e Diversidade na Escola* é uma dessas vozes que se preocupam com essa abordagem:

No senso comum, as diferenças de gênero são interpretadas como se fossem naturais, determinadas pelos corpos. Ao contrário, as ciências sociais postulam que estas diferenças são socialmente construídas. Isto significa dizer que não há um padrão universal para comportamento sexual ou de gênero que seja considerado normal, certo, superior ou, a priori, o melhor. Somos nós, homens e mulheres, pertencentes a distintas sociedades, a diversos tempos históricos e a contextos culturais que estabelecemos modos específicos de classificação e de convivência social. (BRASIL, 2009, P.41)

Trazer para o universo escolar essas questões, problematizar os estereótipos, desnaturalizar os “biologismos” sob os quais estão construídas as normas homogeneizadoras, eis o desafio da escola.

## **METODOLOGIA**

O projeto aqui descrito foi desenvolvido pelo PIBID Interdisciplinar da Universidade do Vale do Itajaí (UNIVALI) nos meses de Agosto/Setembro de 2015, nas aulas de História da Escola de Ensino Médio Professor Henrique da Silva Fontes, de Itajaí – SC, e contou com a participação de 03 bolsistas do PIBID<sup>3</sup>, 01 professora supervisora e cerca de 270 alunos e alunas com idades entre 16 e 18 anos. Os temas acerca das relações de gênero fazem parte do conteúdo programático da disciplina de História da referida escola, há muitos anos, sempre buscando consonância com os Planos Curriculares Nacionais (PCNs), a Proposta Curricular do Estado e o Plano Político Pedagógico da Unidade Escolar, e tem sido feito esforços para que alcance as demais disciplinas, abrangendo o currículo como um todo. A historiadora Carla Bassanezi Pinsky, ao falar sobre a importância do gênero para os estudos históricos, é assertiva:

Em determinadas abordagens, o termo “gênero” vai se sofisticando na promessa de enriquecer os estudos históricos. Tomado como uma categoria, ou seja, um modo de perceber e analisar relações sociais e significados, gênero pode ser empregado como uma forma de afirmar os componentes culturais e sociais das identidades, dos conceitos e das relações baseadas nas percepções das diferenças sexuais. Em outras palavras, a categoria de gênero remete à ideia de que as concepções de masculino e de feminino possuem historicidade. PINSKI (2009, p. 163)

Concordando com a autora, consideramos ainda que o “feminino”, o “masculino”, o “heterossexual”, o “homossexual”, dentre outras definições não são iguais em todos os lugares e tempos históricos; variam em cada cultura, cada qual em seu tempo, e não podem ser homogeneizados. Portanto, para uma educação inclusiva faz-se necessária a compreensão do que significa ‘ser homem’ e ‘ser mulher’, e de como foram construídos os papéis e prescrições de gênero historicamente.

Objetivando ampliar e qualificar o conhecimento sobre a temática, foi necessário um grande período de leituras de textos e discussões acerca do tema; só então foram pensadas estratégias de abordagem do assunto. Nesse aspecto há que se destacar a importância do programa PIBID enquanto elo de ligação entre a Universidade e as instituições de educação básica. Paulo Freire nos ensina a pensar sobre isso quando infere:

---

<sup>3</sup>Bolsistas do PIBID Interdisciplinar que participaram do projeto: Leda Lea Caldeira, Vilma dos Santos e Suellen Máximo Cabral.

Por isso, é fundamental que, na prática da formação docente, o aprendiz de educador assuma que o indispensável pensar certo não é presente dos deuses nem se acha nos guias de professores que iluminados intelectuais escrevem desde o centro do poder, mas, pelo contrário, o pensar certo que supera o ingênuo tem que ser produzido pelo próprio aprendiz em comunhão com o professor formador. (FREIRE, 1996, p. 22)

Esse “pensar certo”, é também um pensar conjunto. O diálogo que o programa possibilita, faz com que o(a) acadêmico(a) consiga atingir um aspecto que a academia sozinha não contempla, que é o sentir-se partícipe de um processo de conhecimento e aproximação com a aprendizagem.

Foram sugeridas, para leitura e estudo das acadêmicas de Pedagogia, as obras *Gênero, Sexualidade e Educação*, de Guacira Lopes Louro,<sup>4</sup> e *Tempos diferentes, discursos iguais – A construção histórica do corpo feminino de Ana Maria Colling*<sup>5</sup>, ambas têm foco na formação de professores e professoras, com intuito de ampliar a reflexão sobre gênero na prática docente.

Lidos e discutidos os textos, foi realizada uma sequência didática que consistiu no seguinte:

- 1) Exposição de *slides* onde se apresentou a historicidade dos saberes que construíram a inferioridade feminina, problematizando ideias cristalizadas acerca da cisnormatividade, termo convencionado para pessoas que se identificam com o gênero que lhes foi determinado quando de seu nascimento, bem como a heteronormatividade, termo usado para designar a heterossexualidade como a única correta e saudável, ignorando deste universo todas as demais. Os *slides* baseados em imagens, textos e vídeos foram apresentados de forma a sensibilizar, bem como provocar a discussão, e a desconstrução de estereótipos que historicamente fazem parte da cultura das envolvidas e envolvidos, no caso 10 turmas de terceiros anos do Ensino Médio, totalizando cerca de 270 meninos e meninas com idades entre 16 e 18 anos. Através da exposição se buscou mostrar os diferentes saberes: médico científico, religioso, filosófico e jurídico que construíram historicamente a inferioridade feminina; a heteronormatividade; a lesbofobia, a homofobia; e a

---

<sup>4</sup> LOURO, Guacira Lopes. *Gênero, sexualidade e educação: uma perspectiva pós estruturalista*. Petrópolis: 3ª ed. Ed. Vozes, 1997. 179p.

<sup>5</sup> COLLING, Ana Maria. *Tempos diferentes discursos iguais: a construção histórica do corpo feminino*. Dourados, UFGD, 2014. 114p.

violência. Estes temas foram respaldados na leitura do texto de Ana Maria Colling que, ao falar sobre a construção do feminino, por exemplo, nos diz:

Filósofos, médicos, psiquiatras, padres e pedagogos desenvolveram argumentos que atingiram as mulheres. São elevadas à categoria de rainhas, de deusas, responsáveis pela sociedade; as que se recusam a cumprir seus deveres, de esposa e mãe exemplar, são ameaçadas de serem más e psicologicamente doentes. Todos esses discursos, incansavelmente repetidos, tiveram um efeito decisivo sobre as mulheres. (COLLING, 2014 p. 33)

Essa leitura, e outras que foram citadas, fizeram compreender a dimensão histórica da construção cultural do gênero, e suas implicações nas experiências dos alunos e alunas, que passaram a identificar como esses discursos são recorrentes ainda hoje como práticas na vida, nas relações, e como se manifestam.

- 2) Oficinas onde os alunos e alunas puderam verificar como esses discursos produzem as assimetrias de gênero, a violência, condições desiguais, etc.
- 3) Apresentação de vídeos, dentre estes o denominado “Opção sexual –roda”,<sup>6</sup> onde os apresentadores brincam com a ideia de a sexualidade ser tratada como uma opção e não uma condição.
- 4) Elaboração de 48 *banners* como produto final, no formato de peça publicitária, promovendo a equidade de gênero e denunciando as violências e estereótipos.
- 5) Exposição itinerante em diversas escolas da Rede Estadual de Ensino: Escola Básica Paulo Bauer, Escola de Ensino Médio Vitor Meirelles, e em espaços públicos como Câmara de Vereadores de Balneário Camboriú Biblioteca Pública Municipal de Itajaí e Prefeitura Municipal de Itajaí.

## RESULTADOS

Além das oficinas, foram confeccionados 48 *banners*, onde através do trabalho coletivo, usando criatividade, e a partir de imagens, fotos, frases de efeito, poesias, textos etc, os alunos e alunas chamaram a atenção para questões como homofobia, lesbofobia, misoginia, sexismo, apresentaram dados sobre as violências de gênero, problematizaram a heteronormatividade, além de trazer a baila questões como os preconceitos geracionais, violência nos relacionamentos, a pluralidade dos arranjos familiares, dentre outras. A seguir alguns exemplares das peças que foram produzidas e algumas fotos da exposição:

---

<sup>6</sup> Disponível em <https://www.youtube.com/watch?v=LvwXq1cUHAM>. Acesso 20/11/2015.

A criança adotada por um casal gay  
foi abandonada por um heterossexual...



Onde está o erro mesmo?

ESCOLA DE ENSINO MÉDIO PROF. HENRIQUE DA SILVA FONTES  
PIBID INTERDISCIPLINAR - UNIVALI



FAMÍLIA É ONDE MORA O AMOR,  
NÃO IMPORTA COM QUEM SEJA

E.E.M PROF. HENRIQUE DA SILVA FONTES - PIBID INTERDISCIPLINAR - UNIVALI - TRABALHO SOBRE RELAÇÕES DE GÊNERO



Por que a sociedade só julga a vítima do crime, não o criminoso covarde?

#respeiteasmina

Exposição de imagens íntimas na internet, sem autorização, é crime!!!

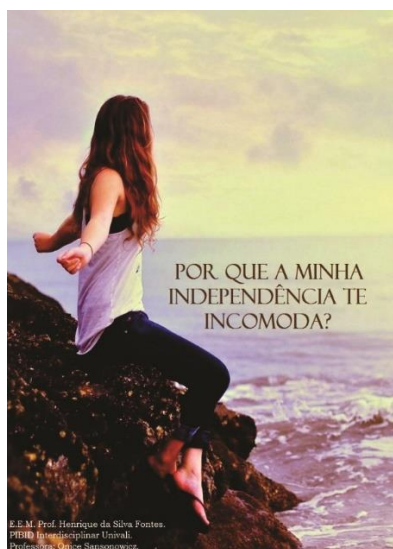
ESCOLA DE ENSINO MÉDIO PROF. HENRIQUE DA SILVA FONTES - PIBID INTERDISCIPLINAR - UNIVALI  
TRABALHO SOBRE RELAÇÕES DE GÊNERO - PROFESSORA ONICE SANSONOWICZ



*Rejeito as flores,  
porque os tons  
sobre as peles de  
milhares de mulheres  
não são de cinza,  
são de roxo...*

O machismo é um mal que se aprende...  
Não permita que esse comportamento continue se reproduzindo!

ESCOLA DE ENSINO MÉDIO PROFESSOR HENRIQUE DA SILVA FONTES  
PIBID INTERDISCIPLINAR - UNIVALI - PROF. ONICE SANSONOWICZ



Após a feitura de todo esse trabalho, foram colhidos depoimentos respeitando as normas éticas e bioéticas, com dois alunos e duas alunas, além de uma orientadora escolar da Escola de Ensino Médio Vitor Meirelles e uma auxiliar de direção da Escola de Ensino Médio Prof. Henrique da Silva Fontes. Estes depoimentos advieram de perguntas feitas sobre a importância da discussão de gênero na sala de aula, bem como sobre o trabalho desenvolvido na escola. Seguem os depoimentos:

DEPOIMENTO 01 - Me refiro aos próprios indivíduos que estão passando por um momento de autodescoberta; que tem seus receios; por ser pecado; abominação. É rejeitado pela sociedade, não se aceita... tem uma prisão, não física, não é aceito pelos familiares[...] precisamos sim discutir como e

por que vivemos numa sociedade que discrimina os que não estão na norma.<sup>7</sup> (LRF – 16 anos).

DEPOIMENTO 02 - Com essas aulas eu me senti mais confortável, mais seguro, com a exposição... os trabalhos realizados em sala. O debate sobre o tema me fez perceber que realmente há esperança. <sup>8</sup>(J.V S 16 anos).

DEPOIMENTO 03 - Estudar gênero, identidade e desigualdade permite aflorar a fé em ter, num futuro uma sociedade menos desigual e mais livre de preconceitos e estereótipos. (GMN – 16 anos).

DEPOIMENTO 04 - Participar das discussões e fazer as atividades propostas, com certeza me deram instrumentos para que eu pudesse me sair muito bem na redação do Enem. Ver aquela quantidade de trabalhos feitos por colegas me fez acreditar que há esperança de mudança.<sup>9</sup> (NCSP – 17 anos)

DEPOIMENTO 05 - A exposição de banners foi levada para minha escola. Foi surpreendente. Os trabalhos apresentados demonstravam muita sensibilidade e ainda uma linguagem que conseguia, de maneira lúdica dialogar com o tema gênero em todas as suas possibilidades e sutilezas, além de trata e com muita responsabilidade sobre preconceito e discriminação. Os alunos e professores aos visitarem a exposição interagiram de maneira surpreendente, e o diálogo entre o tema o os visitantes era de pertencimento. O tema foi usado para redações, relatos e debates, pois é uma abordagem própria em se tratando da dimensão do tema proposto. (I.A – Orientadora Educacional Escola Vitor Meirelles.)

DEPOIMENTO 06 - Passear entre os banners, ler e observar as cenas do cotidiano retratadas me deixou impressionada pela maturidade. [...] E saber que nossos alunos agora falam, discutem e entendem gênero, me deixou muito orgulhosa. (JS – Diretora Adjunta E.E.M Henrique da Silva Fontes.)

Estas falas são importantes na medida em que explicitam a recepção do tema trabalhado, tanto pelas professoras como pelas alunas e alunos. Destacamos sentidos como surpresa com as sensibilidades, o orgulho da professora ao citar seus alunos que compreenderam o assunto, a importância do diálogo, sua aplicabilidade em sala de aula, a esperança de uma sociedade menos desigual e preconceituosa a partir da educação.

Ainda, acerca da Exposição de *Banners*, a mesma teve cobertura da mídia local, do departamento de imprensa da Secretaria de Desenvolvimento Regional de Itajaí que se encarregou de publicar nas redes sociais, está percorrendo outras escolas da cidade, e já tem convite para expor em Universidades no ano de 2016.

Durante a visitação na escola Vitor Meirelles, observando as reações das pessoas, uma professora disse: “Eu estou passando mal. Não sabia desses dados todos. Isso mexeu comigo. E uma aluna: Eu adorei. Diz tudo o que eu sempre

---

<sup>7</sup>LRF . Entrevista informal concedida a Onice Sansonowicz em 15/11/2015 – Acervo da autora.

<sup>8</sup>JVS Entrevista informal concedida a Onice Sansonowicz em 16/11/2015 – Acervo da autora.

<sup>9</sup>NCSP Entrevista informal concedida a Onice Sansonowicz em 16/11/2015 – Acervo da autora

pensei. ”<sup>10</sup> Se provocou sentidos, informou, mexeu com práticas: e isso é fundamental para que a igualdade, o respeito e a equidade possam ser vivenciadas.

## CONSIDERAÇÕES FINAIS

“Ninguém nasce mulher, torna-se mulher”, disse a filósofa Simone de Beauvoir. E foi essa a frase que provocou um grande alvoroço nas redes sociais já que fazia parte de uma questão na prova do Exame Nacional do Ensino Médio de 2015. Além disso a própria redação, trazia como tema a violência contra a mulher. Depreende-se, principalmente a partir dos depoimentos, observações, e do *feedback* dos alunos e alunas que o projeto além de provocar reflexões de caráter pessoal e social, foi de grande auxílio para o certame, haja vista que os mesmos se sentiram preparados para discutir a temática. Isso demonstra que ao trazer essa discussão a escola está alinhada com as políticas educacionais que estão em vigência, e ao contrário do que se apregoa por determinados setores, tem efeitos muito positivos do ponto de vista educacional e social.

Tem-se consciência que não é findo; dado que os estereótipos, o preconceito, as violências estão na cultura, e a cultura não é algo estático. Este trabalho de desconstruir discursos homogeneizantes não pode parar; assim como o projeto, que também continua. Além de publicizar amplamente os trabalhos realizados, em exposições e espaços públicos buscando promover reflexões no público em geral, os alunos e alunas que participaram tiveram acesso a conhecimentos que até então passava ao largo de suas vivências. E produzem sentidos, que reverberam em práticas menos excludentes; e isto é o que mais importa. Nesse sentido, pode-se depreender que os currículos escolares não são neutros (APPLE, 2006); eles são pensados e aprovados em instancias onde estão postas relações de poder. Michael F. D.Young (1977 apud Apple, 2006, p.70) mostra que:

[...] quem está na posição do poder tentará definir o que é admitido como conhecimento, o quanto qualquer conhecimento é acessível para grupos diferentes, e quais são as relações aceitas entre diferentes áreas do conhecimento e entre aqueles que têm acesso a elas e as tornam disponíveis.

Assim, no fazer educacional, os envolvidos/as são movidos/as por escolhas; e essas escolhas já detém em si relações de poder. Se pensarmos que, professores e

---

<sup>10</sup> Comentário observado por Onice Sansonowicz durante a exposição na Escola de Ensino Médio Vitor Meirelles – 07/11/2015

professoras, reconhecem a serviço de quem estão, terão claro que não poderão se intimidar frente a reducionismos e conservadorismos, já que seu compromisso é com o social. Para além disso, é necessário, que essas discussões permeiem os espaços acadêmicos, de forma que a escola se torne um espaço democrático e de construção do conhecimento científico; e não palco para crenças individuais, ou ainda manifestações políticas oportunistas.

Espera-se que num futuro muito próximo, alunos e alunas percebam que a violência está diretamente relacionada ao que se toma como “verdade”; que o fato de “ser mulher” não seja sinônimo de estar exposta numa “prateleira” a ser vendida como mercadoria. Permitir essas discussões é lutar para que as pessoas que se orientam pela não heteronormatividade sejam respeitadas nos seus direitos, e não tidos como doentes, porque a doença está em quem desrespeita e agride a sexualidade do outro, da outra. É desejar uma sociedade livre de quaisquer preconceitos, onde todos e todas possam viver em paz em seus modos e escolhas, com respeito a cidadania.

Finalizando, tem-se clareza que este trabalho contribui em alguns aspectos, dentre os quais destaca-se o fato de meninos e meninas poderem refletir acerca de suas práticas, trazendo principalmente empoderamento àqueles e àquelas que são vítimas da falta de equidade. Mas principalmente, propõe uma forma outra de pensar e agir, educando aqueles e aquelas potenciais violentadores/as, através da reflexão e tomada de consciência. O impacto que esta ação educativa provocou na Unidade Escolar onde foi desenvolvido, bem como em outras Unidades da Rede Pública Escolar da região, e espaços públicos por onde tem passado, alimenta a ação tanto de educadores/as já experientes ou mesmo aqueles que estão em processo de formação à docência.

## **AGRADECIMENTOS**

Toda empreitada acadêmica exige empenho e resignação, mas também capacidade de reconhecimento. Agradeço:

À Prof. Tainá Ribas Melo pelos *feedbacks* sempre tão gentis e incentivadores durante todo esse período.

A Prof. Nádia Covolan, pelas contribuições tão generosas.

À Maria AssuncionTravisani pelas trocas, cafés e amizade.

À Coordenação da Especialização em Gênero e Diversidade pela oportunidade e pela ousadia de bancar a discussão dessa temática.

À Aldo, Kalinka e Kaísa, pelo apoio cotidiano e por vibrarem comigo.

## REFERÊNCIAS

APPLE, Michael W. Ideologia e currículo; tradução FIGUEIRA, Vinicius. 3 ed. Porto Alegre: Artmed, 2006.

COLLING, Ana Maria. *Gênero e História: Um diálogo possível?* Disponível em <https://www.revistas.unijui.edu.br/index.php/contextoeducacao/article/viewFile/1131/886> Captado em 10/10/2015.

COLLING, Ana Maria. *Tempos diferentes discursos iguais: a construção histórica do corpo feminino*. Dourados, UFGD, 2014.

FURLANI, Jimena. *Ideologia de gênero. Explicando as confusões teóricas presentes na cartilha*. Disponível em: [http://issuu.com/linoperes/docs/esclarecendo\\_-\\_ideologia\\_de\\_g\\_nero](http://issuu.com/linoperes/docs/esclarecendo_-_ideologia_de_g_nero). Acesso em 24/11/2015.

FREIRE, Paulo. *Pedagogia da Autonomia: Saberes necessários à prática docente*. 31ª ed, São Paulo: Paz e Terra, 1996.

LOURO, Guacira Lopes. *Gênero, sexualidade e educação: uma perspectiva pós estruturalista*. Petrópolis: 3ª ed. Ed. Vozes, 1997.

PINSKY, Carla Bassanezi. *Estudos de gênero e história social*. Disponível em: <http://www.scielo.br/pdf/ref/v17n1/a09v17n1.pdf> Acesso em: 15 nov. 2015. P.159-189.

SILVA, T. T. da. Os Novos mapas culturais e o lugar do currículo numa paisagem pós moderna. In: MOREIRA, A.F. SILVA T.T (orgs). *Territórios contestados: o currículo e os novos mapas políticos e culturais*. Porto Alegre, Vozes, 1995.